



## RESENHA: O AMANHÃ NÃO ESTÁ A VENDA CONTRIBUIÇÕES E REFLEXÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA. AILTON KRENAK, 2020<sup>1</sup>

Isabela Pereira Lopes<sup>2</sup>

### Resumo

A resenha crítica apresenta as principais contribuições de Ailton Krenak, uma das principais lideranças indígenas e intelectual de nossa contemporaneidade. Partindo da ideia do quanto é difícil ter concentração e inspiração para ler, escrever e estudar na quarentena, a autora se aproxima de Krenak, que como outros autores, estão aceitando esse desafio, de pensar de forma crítica o tempo presente, tão inédito e raro para nossa geração. Inspirada pelas ideias do autor, por fim, a autora anuncia algumas impressões sobre a pandemia e suas repercussões para a Educação e para o modo como entendemos a infância. O livro apresenta o olhar de quem vive um distanciamento social conectado com a natureza e pode ser um importante livro para encarar os desafios que a pandemia do coronavírus estão impondo ao modo de viver contemporâneo e urbano. A leitura deste livro é indispensável para abandonar a angústias e a paralisia que a pandemia nos provoca. A leitura de Krenak convoca seus leitores para a alteridade e o respeito aos conhecimentos e sabedorias que revelam uma ancestralidade que esteve tanto tempo à margem. Krenak ajuda a pensar estratégias de ação com as suas reflexões. O primeiro deles: parar de vender o amanhã!

**Palavras-chave:** pandemia; coronavírus; quarentena.

### REVIEW: TOMORROW IS NOT FOR SALE CONTRIBUTIONS AND REFLECTIONS IN TIMES OF PANDEMIC. AILTON KRENAK, 2020

### Abstract

The critical review presents the main contributions of Ailton Krenak, one of the main indigenous and intellectual leaders of our contemporaneity. Starting from the idea of how difficult it is to have concentration and inspiration to read, write and study in quarantine, the author approaches Krenak, who like other authors, are accepting this challenge, to think critically of the present time, so unprecedented and rare for our generation. Inspired by the author's ideas, finally, the author announces some impressions about the pandemic and its repercussions for Education and how we understand childhood. The book presents the look of those who live a social distancing connected with nature and can be an important book to face the challenges that the pandemic of the coronavirus are imposing on the contemporary and urban way of living. The reading of this book is indispensable to abandon the anguish and paralysis that the pandemic causes us. Krenak's reading summons his readers to the otherness and respect for the knowledge and wisdom that reveals an ancestry that has been on the sidelines for so long. Krenak helps you think action strategies with your reflections. The first of them: stop selling tomorrow!

**Keywords:** pandemic; coronavirus; quarantine.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 18/02/2023. Avaliação em 18/08/2023. Aprovado em 28/10/2023. Publicado em 03/11/2023.

<sup>2</sup> Professora, Pós-Doutora em Educação pela UNIRIO (2022) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Linha de Pesquisa: Práticas educativas, linguagens e tecnologia). Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2019). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (2006) e Especialização em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2012). Professora do Ensino Básico Técnico e Tecnológico, atuando na Educação Infantil Coluni/Universidade Federal Fluminense (antiga Creche UFF). E-mail: [isabelapereiralopes@id.uff.br](mailto:isabelapereiralopes@id.uff.br)

## CRÍTICA: MAÑANA NO ESTÁ A LA VENTA CONTRIBUCIONES Y REFLEXIONES EN TIEMPOS DE PANDEMIA AILTON KRENAK, 2020

### Resumen

La revisión crítica presenta las principales contribuciones de Ailton Krenak, uno de los principales líderes indígenas e intelectuales de nuestra contemporaneidad. Partiendo de la idea de lo difícil que es tener concentración e inspiración para leer, escribir y estudiar en cuarentena, el autor se acerca a Krenak, que al igual que otros autores, están aceptando este desafío, para pensar críticamente en el tiempo presente, tan sin precedentes y raro para nuestra generación. Inspirado por las ideas del autor, finalmente, el autor anuncia algunas impresiones sobre la pandemia y sus repercusiones para la educación y cómo entendemos la infancia. El libro presenta el aspecto de aquellos que viven un distanciamiento social relacionado con la naturaleza y pueden ser un libro importante para enfrentar los desafíos que la pandemia del coronavirus están imponiendo a la forma de vida contemporánea y urbana. La lectura de este libro es indispensable para abandonar la angustia y la parálisis que la pandemia nos causa. La lectura de Krenak convoque a sus lectores a la otrotaridad y al respeto por el conocimiento y la sabiduría que revela una ascendencia que ha estado al margen durante tanto tiempo. Krenak te ayuda a pensar estrategias de acción con tus reflexiones. El primero de ellos: ¡deja de vender mañana!

**Palabras clave:** pandemia; coronavirus; cuarentena.

*A peste marcou para a cidade o início da corrupção.*

(...)

*Ninguém mais estava disposto a perseverar naquilo que antes julgava ser o bem, porque acreditava que pudesse talvez morrer antes de alcançá-lo.*

*Tucídides, História da Guerra do Peloponeso, II, 53 (2020)*

Ailton Krenak é uma das maiores lideranças indígenas no nosso tempo. Ativista de movimentos socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, sua luta teve visibilidade nas décadas de 1970 e 1980 e resultou na conquista de um capítulo referente às questões desses povos originários na Constituição de 1988. Conquista no papel, fora dele: luta!

O livro de Krenak, pode-se dizer que é uma denúncia autobiográfica e veio como um alento num período em que quarentena, isolamento e distanciamiento social tomaram conta de nossas vidas, há pouco tempo atrás. Uma época que foi difícil escrever e ler, onde a sobrevivência era e ainda é, o desejo coletivo. Portanto, merece nossa atenção para leitura, escritas como a de Krenak, que foram lançadas no olho do furacão, no meio de uma pandemia, que até o dia de hoje (22 de novembro de 2022), já ultrapassou a marca de 689 mil pessoas, segundo dados oficiais (Google). Vidas perdidas que são “inumeráveis”. Um grupo brasileiro criou um memorial virtual dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil ([www.inumeraveis.com.br](http://www.inumeraveis.com.br)).

O livro “O amanhã não está à venda” se inspira em algumas referências que são usadas pelo autor, entre elas Foucault, Carlos Drummond de Andrade, Domenico De Masi e Albert Camus. São muitas vozes ecoando com Krenak.

Krenak é bem crítico em suas reflexões, inclusive ao comportamento do presidente não reeleito Jair Bolsonaro, diante da pandemia do coronavírus. Para ele, o discurso político tem apresentado uma banalização da vida. No Brasil acompanhamos essa banalização nos discursos,

de modo muito cruel. Para Krenak afirmar que a economia é o mais importante, seria o mesmo que acreditar que o navio é mais importante que a própria tripulação.

Krenak inicia suas reflexões falando desse lugar geográfico que ele ocupa: a aldeia Krenak, no médio Rio Doce. Assim como todos nós, ele fala o quanto a pandemia nos paralisou, diante do adiamento de compromissos e como paramos de andar mundo afora. Mas ao mesmo tempo Krenak alerta que muitos grupos já viviam esse confinamento involuntário há muito tempo. Os índios já vivem encurralados e refugiados em seus territórios, já que Krenak fala da sua própria experiência, mas também os moradores das favelas, as populações de rua, os refugiados, os deficientes, grupos apontados por Boaventura de Sousa Santos em seu livro, que também é um olhar sobre a pandemia do coronavírus: “A cruel pedagogia do vírus”. Então esses grupos marginalizados já viviam um distanciamento, que só se agravou com a pandemia do coronavírus. Mas ao mesmo tempo esse confinamento nos fez mais resilientes e resistentes. Mas até quando grupos minoritários resistirão?

Krenak reflete como diferentes grupos podem vivenciar de formas distintas o distanciamento social. Enquanto eu estive trancada durante o isolamento social, num apartamento sem varanda, que só descobri que não batia sol no seu interior em nenhuma hora do dia, com o confinamento imposto pela pandemia; Krenak planta milho, planta árvore no seu isolamento integrado com a natureza. Essas experiências da floresta não podem ser vistas como alienação e sim como experiência de vida, como nos alerta o autor.

Se antes o mundo parecia não poder parar, com a pandemia muitos foram obrigados a isso. O funcionamento do mundo entrou em crise. Vivemos um tempo raro e inédito para nossos tempos, diante disso estamos experienciando o que os grupos perseguidos já vivenciavam. Se antes os índios estavam ameaçados de extinção, com a pandemia estamos todos, enquanto sociedade mundial. Para Krenak, nós (humanos?), somos piores que a COVID-19. Primeiro nos divorciamos da humanidade e agora o vírus nos expõe ao risco da morte. A humanidade é uma mentira, para Krenak. Somos de fato uma humanidade?

O que toda a situação caótica do vírus deixou e ainda deixa muito claro é que estamos cavando um enorme fosso de desigualdades entre os povos, desse modo, não estamos “no mesmo barco”, como sugere o senso comum. Uns tem dinheiro para comprar as melhores máscaras faciais para se proteger do contágio, outros usaram couve ou sacola plástica improvisada no rosto. As grandes filas que se formaram na Caixa Econômica Federal, no auge da pandemia, para tentar receber o auxílio emergencial, evidenciam um desespero coletivo: se morre do vírus ou se morre de fome? Parece não existir escolha, para esses invisíveis. Sobre

isso, Krenak vai dizer que o que acompanhamos é uma naturalização de uma sub-humanidade, que já viviam na miséria e hoje enfrentam o aprofundamento dessa barbárie .

Importante perceber o reequilíbrio da natureza diante do confinamento das sociedades, já que a ecologia seguiu se reestruturando. O coronavírus mata apenas humanos, e somos apenas 0,01% da vida planetária, como nos alerta Boaventura em suas reflexões sobre a “pedagogia do vírus”. Já Krenak reafirma que não faríamos falta na biodiversidade, pelo contrário. A mãe Terra parece querer ensinar e falar conosco: “Filho, silêncio”.

Para Krenak o tempo da quarentena representou uma viragem em nossa relação com as crianças, pois assim como nós, elas também sentiram medo e podemos abrandar seus anseios lhes contando histórias. Assim espantamos nossas angústias e as delas. Com atitudes simples, o autor nos convida para pensar num outro mundo possível. Pois, para vencer definitivamente o coronavírus, teremos primeiro que ter cuidado e depois coragem.

O mundo parece ainda estar em suspensão. Tomamos um “tranco” para olhar o que realmente importa. Entramos nessa pandemia de uma forma e não sairemos dela do mesmo jeito. Para Krenak: “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltamos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro.” Pois depois que esses tempos sombrios de fato forem superados, suas marcas ficarão e não poderemos ligar todas as máquinas que foram desligadas nessa época e tocar nossas vidas. Teremos nós todos, as cicatrizes desses tempos.

Krenak afirma que já faz um tempo que ele não programa atividades para “depois”, pois para ele precisamos deixar de ser convencidos em afirmar que estaremos vivos no dia seguinte. Com o distanciamento, nossa primeira atitude foi suspender nossas atividades e projetos. Só isso foi o suficiente? Não, não basta mudar o calendário. Pois acreditar que simplesmente adiar os compromissos como se tudo pudesse voltar ao normal é viver do passado. O futuro é agora, pois vivemos um tempo de incertezas. Os empresários que saíram na época do distanciamento social, em seus carros importados para protestar, podiam morrer com o vírus, assim como os empregados que eles desejavam que voltassem ao “batente” , numa condição de escravos contemporâneos. O coronavírus mata quem está dentro e quem está do lado de fora de uma *Land Rover*. “Temos de parar de vender o amanhã.”

A leitura deste livro é indispensável para marcar essa época que estamos vivenciando para a nossa e para futuras gerações, abandonando nossas angústias e a paralisia que a pandemia nos provocou. Ouvir o outro, que fala de um lugar tão diferente do meu é respeitar os conhecimentos e sabedorias que revelam uma ancestralidade que esteve tanto tempo à margem.

Podemos pensar estratégias de ação com as reflexões do texto, o primeiro deles? Parar de vender o amanhã!

### **Referências**

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Portugal: Edições Almedina, 2020.